

INDIVIDUALIDADES BALDIAS: SECURA E LIQUIDEZ NO CONTEMPORÂNEO

UNATTENDED INDIVIDUALS: DRYNESS AND LIQUIDITY IN THE CONTEMPORARY

Bianca S. Damasceno ¹

Resumo

O artigo estabelece uma relação entre o homem trabalhado na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e o homem de *Vida Líquida*, de Zygmunt Bauman, no que tange à hostilidade do sistema vivido por ambos. A partir daí, enfatiza a importância da *palavra* na constituição do “homem-sujeito” que, tendo respeitada a sua fala, é capaz de ser ‘dono’ de sua própria voz. Ressalta-se, com isso, a relevância e a validade da psicanálise no contemporâneo já que esta tem por fundamento o discurso do sujeito como o seu verdadeiro capital.

Palavras-chave: Vidas Secas, Vida Líquida, Contemporaneidade, Psicanálise

Abstract

The article establishes a relationship between the man worked in the production *Barren Lives*, by Graciliano Ramos and the man of *Liquid Life*, by Zygmunt Bauman, in regard to the hostility of the system experienced by both. Then, it emphasizes the importance of the *word* in the constitution of “human-subject” who, by having his speech respected, can be the ‘owner’ of his own voice. It is emphasized, thus, the relevance and validity of psychoanalysis in contemporary as this is based on the speech of the subject as his truthful capital.

Keywords: Barren Lives, Liquid Life, Contemporary, Psychoanalysis

¹ Jornalista; Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade - Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Brasil). Pós-graduada em Gestão Estratégica de Serviços – MBA/Fundação Getulio Vargas (Rio de Janeiro, RJ, Brasil). Atua em empresas e em escritório próprio, com foco em Organização de Idéias e Comunicação Humana. Endereço para correspondência: Rua Haddock Lobo, 356 – Sala 301. Centro Empresarial Leonardo Da Vinci. Tijuca – Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

1 - INTRODUÇÃO

“Fabiano, você é um homem!” - exclama em voz alta o personagem de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1983 [1938], p.18) quando, absolutamente sozinho, pisa firme no chão gretado e limpa as unhas sujas com a faca de ponta. Mas logo em seguida, e pensando melhor, supõe que não seja um homem, mas um ‘cabra’; que vive em terra alheia, que se encolhe na presença dos brancos e que se faz nômade a cada nova experiência de seca. Olhando ao redor, e com medo de que alguém tenha percebido tal imprudência, ele corrige, portanto, a frase, murmurando: “Você é um bicho, Fabiano. (...) Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.” (id, ibid). O protagonista do clássico de Graciliano Ramos é alguém devastado pelas imposições do meio, uma metáfora usada para tratar do drama humano de um modo geral.

Mais de sessenta anos depois da obra de Graciliano, o sociólogo Zygmunt Bauman, traz para a pauta da análise contemporânea mundial, a expressão *Vida Líquida*, a fim de contextualizar o cenário no qual o homem dito pós-moderno se encontra. Uma vida de grande mobilidade, marcada por profundas transformações provenientes do neoliberalismo, da globalização e do avanço tecnocientífico que passaram a regular as relações humanas, especialmente a partir dos anos 1970. Uma vida que não pode manter a mesma configuração por muito tempo. Nela, condições, estratégias e capacidades envelhecem velozmente, impossibilitando a consolidação das formas de agir (Bauman, 2007 [2005], p. 7). Por conta disso, o autor afirma que na vida líquida tudo é precário e que a única constância é a incerteza (id, p. 8).

Pode-se notar que, embora mergulhados em denominações e situações inversas, o homem da vida líquida (civilizada, tecnológica, científica, capitalista...), tratada por Bauman, é tão errante e baldio

quanto o homem da vida seca (desprovida, bronca, bruta, árida...), apontada por Graciliano em sua obra. E por quê? Porque ambos experimentam a hostilidade do ‘sistema’, seja na estiagem do sertão ou na liquidez do mercado. Quando, por exemplo, Graciliano aponta que na beira do rio haviam comido o papagaio da família, ele esclarece que o bicho não sabia falar e que foi devorado por necessidade. Na seqüência, o autor afirma: “Fabiano também não sabia falar. (...) Não podia arrumar o que tinha no seu interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas” (1983 [1938], p.36).

O homem da vida líquida, analisado por Bauman, também consome e é consumido a todo instante. Um relato de um produtor de eventos, de 22 anos, publicado na matéria *Consumidos pelo consumo*, da Revista O Globo (Monteiro, 03/2009), revela: “Gasto 100% do meu salário em compras. Não gosto de entrar em loja e não comprar. Fico com vergonha. Outro dia experimentei um cinto de R\$ 300 na Lacoste, não gostei, mas levei. Compro sem ver.” Daí Bauman (2007 [2005], p. 18) afirmar que na sociedade dos consumidores, não há como não ser, da mesma forma, um objeto de consumo. Nesse sentido, corroboram Coutinho Jorge e Bastos, apontando que na sociedade dita pós-moderna, líquida e capitalista, a relação entre coisas é privilegiada em prejuízo da relação entre homens. Dessa forma, o objeto é posto em primeiro plano, revelando a primazia deste sobre o sujeito, que passa ser tomado como mercadoria. (Coutinho, Jorge & Bastos, 11/2009, p. 31)

É fato que as abordagens de Graciliano e Bauman (1983 [1938], p.9). possuem perspectivas opostas. A vida tratada por Graciliano é seca, como o homem que nela habita. Tudo é de uma ‘falta enorme’, de uma ‘escassez enorme’. “A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círcu-

los altos em redor de bichos moribundos. – Anda, excomungado.” – retruca Fabiano ao filho cansado e faminto. A vida tratada por Bauman é líquida, como o homem que nela habita. Tudo é de um ‘excesso enorme’, de uma ‘demasia enorme’. “Vivemos numa espécie de inflação de *muitos*. (...) Muito consumo, muita fabricação de produtos de consumo; muitas drogas, muitos usuários de drogas; muitos formados sem trabalho, muitos trabalhadores sem formação.” (Sandler, s.d.). Contudo, tais abordagens, embora de naturezas distintas, revelam algo bem parecido. Tanto o homem de vida seca, quanto o de vida líquida estão entregues a si mesmos, estão desamparados, não podendo contar com qualquer socorro que venha do exterior.

Vida de Retirantes... de solidão, de desmemória... Perpetuamente circular, sem raízes, e sem alteridade... Homens ‘largados’ no mundo das individualidades, onde cada um deve agir na busca pela sobrevivência sem esperar pela proteção de ninguém. (Birman, 2010, p. 36). Na *secura* ou na *liquidez*, tais abordagens retratam, na verdade, uma denúncia. *Vidas Secas*, de Graciliano, dialoga com *Vida Líquida*, de Bauman, em algo que a psicanálise milita e já evidencia há muito tempo: o risco de qualquer modelo ou forma de vida que faça com que a *palavra* ceda, sucumba ou seja renunciada. No caso das perspectivas aqui analisadas, trata-se da palavra que, ressecada, é substituída por grunhidos. Ou, por outro lado, quando diluída, é trocada pelo imagético.

Em *Vidas Secas*: “Fabiano dava-se com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha”. (...) “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”. (1983 [1938], p. 21-27) – expõe Graciliano a respeito da angústia e da submissão do protagonista que, sem a palavra, não sabe se impor, nem se defender. Em um trecho da obra em que descreve tal personagem, ele reforça que Fabiano “vivia

longe dos homens e falava uma linguagem monossilábica e gutural, que só os bichos entendiam”. (id, p. 19). Em *Vida Líquida*: “Todos aqueles custos exorbitantes das antigas terapias não são mais necessários. No lugar, cairão muito bem as novas e aperfeiçoadas dietas, os aparelhos de ginástica, as mudanças de papel de parede (...)” - alerta Bauman (2007, p. 16). Lúcia Santaella ratifica, dizendo que no mundo líquido importa a “identificação com modelos e atrizes belas e perfeitas, com homens de negócios jovens e já excessivamente ricos, com esportistas excepcionais que desconhecem os limites do corpo”. (Santaella, 2007, p. 111).

Em mundos em que a palavra se resseca ou se dilui pela imagem, vê-se instalar a rejeição ao simbólico, impedindo consequentemente, a mais genuína expressão do sujeito. Um sujeito da linguagem e do significante que, através de sua fala, vai revelando o seu desejo inconsciente. “O sujeito para a psicanálise é essa lembrança apagada, esse significante que falta, esse vazio de representação em que se manifesta o desejo.” (Quinet, 2008, p. 13). Por isso, a linguagem se institui pelo que manca, pela tentativa insistente de construção subjetiva. É, portanto, na cadeia do discurso e nas associações que faz ao falar que o sujeito se produz (Ziliotto, 2004, p. 218). É justamente esse o campo de atuação da psicanálise. É justamente aí que está o seu valor e a defesa fundamental contra aqueles que a julgam ultrapassada.

Como argumenta Quinet (2002, p. 30-31), falar hoje de psicanálise e do inconsciente pode não parecer uma novidade, se não fosse possível acompanhar – de forma atônita e horrorizada – a intensa campanha de negação do sujeito e sua fala. Mas cabe dizer que é nela – na fala – que está o seu verdadeiro capital, a expressão de sua singularidade e de seus desejos. Sem ela, o sujeito perde a sua morada – o simbólico – restando apenas o grude no imaginário, a justa morada do *eu*, do *indivíduo* [*indiviso*: aquele que não é dividido]. Grudado no

imaginário, o *indivíduo* fica preso no engodo de sua “totalidade ortopédica” e de sua “identidade narcísica e alienante”. (Lacan, 1998 [1949], p. 100).

Liberar a fala do sujeito é, ao contrário, introduzi-lo na *linguagem do seu desejo*. A *linguagem primeira*, aquela que vai “para-além do que ele diz de si” (Lacan, 1998 [1953], p. 294). É o que se vive durante o processo psicanalítico. Para Lacan, o sujeito em análise é aquele que se coloca na posição do que ignora, do que se coloca em dúvida e entre parênteses a partir da associação livre. Por isso, tal processo “não diz respeito ao aumento do campo do ego”, nem mesmo representa “a reconquista pelo ego de sua franja de desconhecido”. É, na verdade, “um deslocamento como um minueto executado entre o ego e o id” (Lacan, 2009 [1953-54], p. 302). Lacan chama isso de um crepúsculo, um declínio imaginário do mundo, uma experiência no limite da despersonalização. Para ele, é só aí que o ser se constitui (id, *ibid*).

Essa constituição de que fala Lacan funciona como um despertar. Um despertar que se manifesta como uma redescoberta e que vai além de uma passagem de um estado a outro, tratando-se antes de um rearranjo estrutural (Ricci, 2011, p. 45). Tal rearranjo leva o sujeito a se liberar de antigos hábitos, repetições e automatismos que não funcionam mais, que perderam um sentido próprio reconhecível (Pigozzi, 2011, p. 64). Essa experiência do despertar está para o mais-além do sentido narcísico e, portanto, do imaginário. Em psicanálise isso quer dizer atravessar a fantasia - sustentáculo dos sintomas - e permitir ao sujeito defrontar-se com o real da pulsão.

Depois da irrupção desse novo, desse desconhecido - o real - um novo sonho começa. Pigozzi lembra que não tem jeito, estaremos sempre grudados no sentido. Mas ressalta também que “o destino humano é despertar de quando em quando, nos raros momentos de graça que nos permi-

tem sonhar um novo sonho, um novo sentido” (2011, p. 63). Com isso, faz-se possível a abertura à vertente criativa da pulsão de morte, que nos impele por aí à reconstrução, transformando “a prisão domiciliar da fantasia num domicílio do desejo” (Coutinho Jorge, 2011, p. 153). Esse é o caminho para a responsabilização do sujeito.

Por tudo isso, não se pode deixar tal sujeito sem a sua fala, sem a sua voz. Essa é a denúncia que a psicanálise vem fazendo por todos esses anos de atuação. “A voz perdida é metáfora da perda de todo objeto, da perda do Outro, da perda do mundo” – diz Pigozzi (2011, p. 65), que completa dizendo que assim, o sujeito fica isolado e o isolamento certamente não é a dimensão do despertar. Muito ao contrário, o despertar é “a voz que volta à sua prosódia, que não está mais separada de seu afeto e de sua lembrança. É a voz-chofrar que desperta do coma da repetição indiferente para lembrar um laço, a um só tempo, ético e pulsional” (id, p. 68).

Enquanto essa voz não desperta, sendo silenciada pela *secura* dos grunhidos ou pela *liquidez* da imagem, viver-se-á em modelos sociais que não enxergam o sujeito falante. Contudo, vale sublinhar que, como diz a psicanalista Maria Anita Ribeiro em suas aulas, “a todo sujeito humano cabe o direito de falar e ser falado”. Essa é a bandeira da psicanálise e talvez por isso ela seja tão perseguida. Mas não importa, a sua ética se manterá firme, permitindo ao sujeito que fale, que se constitua como tal, responsável por sua própria história, sem cabrestos e sem submissões.

Nesse sentido, Clara Góes destaca que a ética da psicanálise se faz na política, uma vez que não alardeia a produção de uma lógica de grupo, de formação de massas, da alienação do sujeito a um líder ou quaisquer relações de subordinação (2008, p. 184). Trata-se de uma “aposta na sustentação de um discurso constituído a partir da falta, do não saber, da falha – e, principalmente, da ausência de garantias (...). O

sujeito é responsável pelo ato, sem Deus e sem demônio” (id, p. 185). Para Góes, esse pressuposto ético impõe novos desafios à moral e à política que se conhece até aqui. Nesse novo pressuposto, talvez o homem de *Vidas Secas*, dono de sua voz, não precise abandonar sua região, como relatado no último capítulo do livro de Graciliano - *Fuga* - em que Fabiano aceita envelhecer na cidade como um “cachorro, inútil”. (1983 [1938], p.126). Também nesse pressuposto, o homem de *Vida Líquida*, dono de sua voz, talvez não precise se ‘esvair’ atrás de objetivos inalcançáveis, onde a linha de chegada - como diz Bauman (1998, p. 56). - “avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las”.

Seria tudo isso impossível? Talvez, de fato, esses desafios não interessem ao ‘sistema’. Contudo, como clamam Chico Buarque e Ruy Guerra, na versão de *An Impossible Dream* (Joe Darion & Mitch Leigh) vale sonhar esse sonho impossível. Vale lutar quando é fácil ceder. Vale negar quando a regra é vender. Vale romper a incabível prisão. Se não desistirmos, “seja lá como for, vai ter fim a infinita aflição e o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão”.

2 - REFERÊNCIAS

Coutinho, J., & Antonio, M. Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura. In: *O desejo de despertar*. Organização Marco Antonio Coutinho Jorge [Et al]. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

Coutinho, J., Antonio, M. & Bastos, F. C. P. Trabalho e Capitalismo: uma visão psicanalítica. *Revista Trivium Estudos Interdisciplinares Psicanálise e Cultura*. Ano 1. Edição 1. Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro. 11/2009. Recuperado em 10 de maio de 2010, de <http://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos-tematicos/2-trabalho-e-capitalismo.pdf>.

Bauman, Z. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Birman, J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Organização João Freire Filho [Et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Góes, C. *Psicanálise e capitalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

Coutinho, J., & Antonio, M. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan – vol. I - As Bases Conceituais*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

Lacan, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-54)*. 2 ed. Revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

Monteiro, K. Consumidos pelo consumismo. *Revista O Globo*. Matéria de Capa. Ano 5. n° 242, p. 24-29. 15 de março de 2009.

Pigozzi, L. A inevitável surpresa: a voz do despertar. In: *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Organização: Marco Antonio Coutinho Jorge [Et al]. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

Quinet, A. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. Não há futuro sem psicanálise. In: *O futuro da psicanálise*. Organização Aristides, A. & Araujo, R. [Et al]. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/FAPERJ, 2002.

Ramos, G. *Vidas Secas*. São Paulo: Editora Record, 1983 [1938], 51^a ed.

Ricci, G. O acontecimento da escuta e a escuta como acontecimento. In: *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Organização Marco Antonio Coutinho Jorge [Et al]. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

Sandler, P. C. *Compulsão à repetição e patologias atuais*. Federação Brasileira de Psicanálise/FEBRAPSI. Sem data. Recuperado em 04 de fevereiro de http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_mr_paulocesar.doc.

[org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_mr_paulocesar.doc](http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxii_cbp_mr_paulocesar.doc).

Santaella, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Ed Paulus, 2007.

Ziliotto, D. M. *A Posição do sujeito na fala e seus efeitos: uma reflexão sobre os Quatro Discursos*. Instituto de Psicologia da USP. São Paulo: 09.60.2004. Recuperado em 27 de junho de 2010, de www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a21v1512.pdf. Páginas 215-223.